

Índice

Rei e estrela do Céu	11
Uma tarde de Inverno	69
Vida em família	125
Rainha das Mulheres	165
Tragédias	213
O Beijo Fatal	245
A Terra Murada	281
Adeus	301
Notas	359

Um dos meus primeiros motivos de orgulho tinha sido o meu nome. Cedo aprendera (e foi ele, parece-me, o primeiro a informar-me) que Arcturo¹ é uma estrela: a mais rápida e radiosa luz da constelação do Boieiro, no céu boreal!

Além disso, este nome também foi usado por um rei da antiguidade, chefe de um grupo de fiéis, todos heróis, como o seu próprio rei, e tratados por esse rei como pares, como irmãos.

Infelizmente, vim a saber depois que este célebre Artur, rei da Bretanha, não era história verdadeira, mas somente lenda; portanto, troquei-o por outros reis mais históricos (para mim, as lendas eram coisas pueris). Todavia, um outro motivo bastava-me, por si próprio, para dar valor heráldico ao nome Arturo; isto é, ao destinar-me este nome (embora ignorasse, suponho, os títulos simbólicos), a minha mãe fora muito esperta. De facto, ela não passava de uma pobre mulher analfabeta, mas, para mim, era mais do que uma rainha.

Na verdade, no que se refere a ela, soube sempre pouco, quase nada, pois morreu, com menos de dezoito anos, no próprio momento em que eu, o primogénito, nascia. A única imagem dela que cheguei a conhecer foi um retrato de cartolina. Uma silhueta desbotada, imprecisa, quase uma sombra; mas a adoração fantástica de toda a minha meninice.

O pobre fotógrafo ambulante, a quem se deve esta única imagem da minha mãe, retratou-a nos primeiros meses de gravidez.

Apesar das pregas do vestido largo, o seu pequeno corpo deixa já entrever que está grávida; tem as duas pequenas mãos cruzadas à frente, como que para se esconder, numa atitude de timidez e de pudor. Está muito séria; nos olhos negros não se lhe lê apenas a submissão, habitual em quase todas as nossas raparigas e jovens esposas do campo, mas também uma interrogação estupefacta e levemente re-

ceosa. Como se já suspeitasse, entre as ilusões comuns à maternidade, o seu destino de morte e ignorância eterna.

A Ilha

As ilhas do nosso arquipélago, lá em baixo, no mar napolitano, são todas belas.

O solo é, em grande parte, de origem vulcânica e, especialmente na vizinhança das antigas crateras, nascem milhares de flores silvestres, como nunca vi iguais no continente. Na Primavera, as colinas cobrem-se de giestas: reconhece-se o seu aroma selvático e suave quando nos aproximamos de um dos nossos portos, viajando por mar no mês de Junho.

Pelas encostas das colinas, em direcção ao campo, a minha ilha tem veredas solitárias entre muros antigos, para além dos quais se estendem pequenos pomares e vinhas que parecem jardins imperiais. Há várias praias de areia clara e fina e outras mais pequenas, cobertas de calhaus e conchas, escondidas por grandes falésias. Entre essas rochas escarpadas, que pendem sobre a água, fazem ninhos gaivotas e rolas selvagens, cujas vozes, sobretudo ao alvorecer, se ouvem ora lamentosas ora alegres. Lá, nos dias calmos, o mar é brando e fresco e pousa sobre a costa como o orvalho. Ah!, não quero ser nem uma gaivota, nem um golfinho: contentar-me-ei em ser uma escorpena — que é o peixe mais feio do mar —, contanto que possa encontrar-me de novo, lá em baixo, a brincar na água.

À volta do porto, as ruas são todas vielas sem sol, orladas de casas rústicas, antigas de séculos, que parecem severas e tristes, embora sejam pintadas de belas cores, rosa, madrepérola ou cinzento. Nos peitoris das janelas, quase tão estreitas como seteiras, vê-se por vezes um craveiro plantado numa lata; ou então uma pequena gaiola que se diria destinada a um grilo mas que encerra uma rola capturada. As lojas são fundas e escuras como cavernas de bandidos. No café do porto, há um fogão a carvão onde a patroa faz café à turca numa cafeteira de esmalte azul-escuro. A patroa, que enviuvou há alguns anos, vestia-se sempre de luto: xaile negro e brincos pretos. Na parede, ao lado da caixa, está a fotografia do defunto, rodeada de festões de folhas secas cobertas de pó.

O taberneiro, na sua loja que fica defronte do monumento a Cristo Pescador, cria um mocho, ligado por uma corrente a um poleiro es-

petado no alto da parede. O mocho tem penas negras e cinzentas, sedosas, uma elegante poupa na cabeça, pálpebras azuis e uns enormes olhos cor de oiro velho orlados de negro; uma das asas está sempre ensanguentada, porque ele próprio passa o tempo a dilacerá-la com o bico. Se estendermos a mão para lhe coçar o peito ao de leve, curva a cabeça para nós com expressão maravilhada.

Ao cair da noite, começa a debater-se, tenta desprender-se em voo, torna a cair por vezes e fica a sacudir as asas, de cabeça pendida, preso à corrente.

Na igreja do porto, a mais antiga da ilha, há santas de cera, com pelo menos três palmos de altura, encerradas em redomas de vidro. Têm vestidos de renda autêntica, amarelecidos, mantos enfeitados de brocado esmaecido, cabelos verdadeiros, e dos pulsos pendem minúsculos rosários de pérolas autênticas. Nos dedos pequeninos, de um palor mortuário, as unhas são marcadas por um traço vermelho, filiforme.

No nosso porto quase nunca atracam os elegantes barcos de desporto ou de cruzeiro que povoam, sempre em grande número, os outros portos do arquipélago; só se vêem chatas e barcaças, além dos barcos de pesca dos ilhéus. A muitas horas do dia, o terreiro do porto parece quase deserto; à esquerda, junto da estátua de Cristo Pescador, uma única carruagem de aluguer espera a chegada do vapor de carreira, que pára ali poucos minutos e desembarca ao todo três ou quatro passageiros, na maioria gente da ilha. Nunca, nem mesmo na estação boa, as nossas praias solitárias conhecem o alarido dos banhistas que, de Nápoles, de todas as cidades e de todas as partes do mundo, vão encher de gente as outras praias dos arredores. E se por acaso um estrangeiro desce em Prócida, admira-se por não encontrar aquela vida promíscua e alegre, danças e conversas pelas ruas, cantos e sons de guitarra e de bandolins, porque a região de Nápoles é afamada em todo o mundo. Os Procidianos são esquivos, taciturnos. As portas estão todas fechadas, são raros os que assomam à janela, cada família vive entre quatro paredes sem se imiscuir na vida das outras famílias. Entre nós, a amizade não tem boa fama. E a chegada de um forasteiro não desperta curiosidade, mas antes desconfiança. Se faz perguntas, respondem-lhe de má vontade, porque a gente da minha ilha não gosta de revelar os seus segredos.

São de raça pequena, morenos, de olhos negros e alongados como os orientais. Passariam por ser todos parentes, tanto se assemelham.

Segundo o costume antigo, as mulheres vivem em clausura como as monjas. Muitas delas ainda usam cabelos compridos e, no Inverno, tamancos e meias grossas de algodão preto, enquanto no Verão algumas andam descalças. Quando passam descalças, rápidas, sem fazer rumor e esquivando-se aos encontros, dir-se-iam gatas selvagens ou fuinhas.

Nunca descem à praia; para as mulheres, é pecado tomar banho no mar — e até ver outros a tomar banho é pecado.

Nos livros, as casas das antigas cidades feudais, agrupadas ou dispersas pelo vale e sobre as encostas da colina, todas à vista do castelo que as domina do ponto mais alto, são muitas vezes comparadas a um rebanho à volta do pastor. Da mesma maneira, também em Prócida, as casas — tanto as numerosas e agarradas umas às outras junto ao porto como as mais raras pelas colinas, ou as dos casais isolados no campo — assemelham-se, ao de longe, a um rebanho disperso aos pés do castelo. Este eleva-se sobre a colina mais alta que, entre os outros cabeços, parece uma montanha. O castelo, aumentado com construções sobrepostas, acrescentadas através dos séculos, adquiriu a mole de uma cidadela gigantesca. Os navios que passam ao largo, sobretudo de noite, não vêem, de Prócida, senão esta mole sombria, o que faz com que a nossa ilha pareça uma fortaleza no meio do mar.

Há cerca de duzentos anos, o castelo foi destinado a penitenciária: uma das maiores, suponho, de toda a Itália. Para muita gente, que vive longe, o nome da minha ilha é o de um cárcere.

Do lado poente, que dá para o mar, a minha casa situa-se à vista do castelo, mas a uma distância de várias centenas de metros em linha recta, para lá de numerosos pequenos golfos dos quais, de noite, se afastam os barcos dos pescadores com as lanternas acesas. A distância não permite distinguir as grades de ferro das janelas, nem o vai-vém dos carcereiros nas muralhas; assim, sobretudo no Inverno, quando há nevoeiro e as nuvens lhe passam por diante, a penitenciária poderia parecer um palácio abandonado, como se encontra em tantas cidades antigas. Uma ruína fantástica, habitada só por serpentes, mochos e andorinhas.

Informações sobre Romeo, o Amalfitano

A minha casa surge, construção isolada, no alto de um cômodo escarpado, no meio de um terreno inculto e semeado de pequenos sei-

xos de lava. A fachada está voltada para a aldeia e deste lado a encosta do monte é reforçada por uma velha muralha feita de bocados de rocha; ali habita o lagarto azul (que não se pode encontrar noutro lugar, em nenhuma outra parte do mundo). À direita, uma escadaria de pedras e terra dá para a estrada.

Atrás da casa estende-se uma vasta planura em cujos limites o terreno se torna alcantilado e intransitável. E através de um montão de ruínas chega-se a uma praiazinha de areia preta em forma de triângulo. Não há nenhum atalho que leve àquela praia; mas, descalço, é fácil descer de escantilhão por entre as pedras. Lá em baixo estava varado um único barco: era o meu, que se chamava *Torpedeira das Antilhas*.

A minha casa não dista muito de uma praceta quase citadina (embelezada, entre outras coisas, por um monumento de mármore) e das habitações aglomeradas da aldeia. Mas, na minha memória, tornou-se um lugar isolado, à volta do qual a solidão cria um vazio enorme. Ela lá está, maléfica e maravilhosa, como uma aranha de oiro que tivesse tecido a sua teia iridescente sobre toda a ilha.

É um *palazzo* de dois andares, além da cave e do sótão (em Prócida, as casas com uma vintena de aposentos, que em Nápoles pareceriam pequenas, chamam-se *palazzi*) e, como a maior parte das habitações de Prócida, que é uma terra muito antiga, a sua construção remonta a pelo menos três séculos.

É de um cor-de-rosa desmaiado, de forma quadrada, rústica e construída sem elegância. Dir-se-ia uma grande quinta, se não fosse o majestoso portão central e as grades recurvas, de estilo barroco, que protegem todas as janelas da parte de fora. O único ornamento da fachada são duas varandas de ferro colocadas aos dois lados do portão, diante de duas janelas falsas. Estas varandas, assim como as grades das janelas, foram em tempos pintadas de branco, mas agora estão todas manchadas e corroídas pela ferrugem.

Num dos batentes do portão recorta-se uma porta mais pequena que é a nossa passagem habitual para entrar em casa; os dois batentes, porém, nunca são abertos e as enormes fechaduras, que as encavilham pela parte de dentro, tornaram-se inúteis por causa da ferrugem que as consome. Através da porta penetra-se num vestíbulo comprido sem janelas, pavimentado de ardósia, ao fundo do qual, segundo o estilo dos *palazzi* de Prócida, se abre uma outra porta de ferro que dá para um jardim interior. Esta porta de ferro está guardada